

## LAZZARATO E O TRABALHO IMATERIAL

Ricardo Pereira da SILVA<sup>1</sup>

LAZZARATO, M. **Trabalho imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Introdução de Giuseppe Cocco; tradução de Mônica Jesus. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

O assunto que perfilará esta resenha foi mote do debate francês ocorrido entre o meado da década de 80 e final dos anos 90, tendo como veículo de propagação a revista *Futur Antérieur* (nota de Giuseppe Cocco: “uma parte dos editores de *Futur Antérieur*, entre os quais o próprio Lazzarato, se reuniu para criar uma outra revista, *Multitude*, cujos primeiros quatro números foram lançados em 2000 pela editora *Éxils* em Paris” (LAZZARATO, 2001, p.7)). Este debate tratava da crise do fordismo, reestruturação produtiva e novas formas de trabalho, estes três fatos são capitais para o entendimento do novo processo de trabalho hodiernamente em voga, isto é, o trabalho imaterial.

Para entendê-lo deve-se pensar que a constituição do trabalho ocorre fora da relação salarial, ou seja, agora o que se busca é a forma renda, isto é o reflexo da mudança do esquema fordista e taylorista de produção, agora o operário não está mais preso ao chão da fábrica, também o tempo da labuta mudou. Antes seu tempo era delimitado pelo período fabril, hoje seu tempo de trabalho assume o tempo de vida global. Neste sentido o que muda é que esta nova forma de trabalho não apenas controla a força de trabalho, mas também a subjetividade do indivíduo, nisto está a direção e a hegemonia do trabalho imaterial que Maurizio Lazzarato e Antonio Negri tão bem reconheceram em seus artigos publicados na revista *Futur Antérieur*. Tais artigos foram publicados no Brasil no livro objeto de nossa resenha.

Segundo Cocco, "Por um lado, Lazzarato coloca a elaboração da noção de trabalho imaterial dentro da corrente neomarxista italiana da década de 1960 conhecida como *operaismo*. De outro lado, tenta avançar no debate francês sobre as novas figuras do trabalho discutindo com as contribuições empíricas e teóricas de Sergio Bologna sobre trabalho autônomo, de Christian Marazzi sobre a guinada lingüística do trabalho e, enfim, de Paolo Virno sobre a noção marxiana de *General Intellect* e, mais em geral, as relações entre trabalho e ação". (LAZZARATO, 2001, p. 8-9). O desenvolvimento do processo do trabalho imaterial desemboca na necessidade de que a personalidade, a subjetividade do indivíduo seja comandada e tal comando é propagado para "forma de atividade de cada sujeito produtivo na sociedade pós-industrial" (LAZZARATO, 2001, p. 26). Isto é, a derrota do operário fordista gerou uma metamorfose do operário massa em operário social e o ciclo social da produção organiza hoje o trabalho através da fábrica difusa onde a organização do trabalho é descentralizada, por um lado, e há diversas formas de terceirização, por outro.

Tal movimento acaba por tornar imprescindível a atividade de cada sujeito produtivo, não apenas no âmbito fabril através da interface entre diferentes funções (entre as diversas equipes, entre os níveis de hierarquia), mas também em âmbito social via força de trabalho social ou intelectualidade de massa. Destarte, a tese defendida por Lazzarato e Negri é a seguinte: "[...] o ciclo do trabalho imaterial é pré-constituído por uma força de trabalho social

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901- psonaipsericardo@yahoo.com.br.

e autônoma, capaz de organizar o próprio trabalho e as próprias relações com a empresa.” (LAZZARATO, 2001, p. 26-27). Assim há a potência constituinte do trabalho vivo (sempre mais intelectualizado e comunicativo) em face da potência constituída do trabalho morto e este novo regime de acumulação acarreta e gera uma força de fragmentação social que, por sua vez, é a sua força de trabalho social. Desta forma o trabalho imaterial não reproduz a sociedade na forma de exploração, mas na forma de reprodução da subjetividade. Além disso, esta atividade produtiva prescinde da organização capitalista da produção, há a superação da dependência do controle dos elementos da produção pela vontade e capacidade do capitalista.

Para exemplificar este novo modelo, Lazzarato o chama de empreendedor político e cita Berlusconi como o novo tipo de empreendedor, pois Berlusconi não apenas faz a captação da mais-valia, como também reproduz e cria a opinião pública. Mais ainda, ele constrói o espaço político, contudo, para tal empreendimento é fundamental o papel da comunicação, pois ela e a relação social que a constitui torna-se produtiva, este é o segredo do ciclo da produção imaterial. Portanto, “[...] a unidade do político, do econômico e do social é determinada na comunicação; é no interior desta unidade, pensada e vivida, que os processos revolucionários podem hoje ser conceituados e ativados.” (LAZZARATO, 2001, p. 40).

A comunicação é utilizada para reconstruir um mercado, para produzir o desejo de consumo, ela está intimamente ligada ao processo de produção. Através dela o consumidor faz parte deste processo e aqui está justamente alocado o trabalho imaterial, ou seja, ele se situa na interface entre o consumo e a produção, está no cruzamento desta nova relação produção/consumo, o consumidor intervém de maneira ativa na constituição do produto, supera-se a organização taylorista, pois aqui o produto/serviço torna-se uma constituição e um processo social de concepção e de inovação.

Estas características exemplificam o processo da economia pós-industrial que são evidenciadas na forma da produção imaterial, a produção audiovisual, a publicidade, a moda, a produção de software, a gestão do território etc. são definidas através da relação particular que a produção mantém com o seu mercado e os seus consumidores “[...] A publicidade, seus objetivos, são exemplos perfeitos de integração do consumo na produção [...] Aqui o distanciamento do modelo taylorista é máximo [...] ” (LAZZARATO, 2001, p. 45), é o trabalho imaterial que ativa e organiza a relação produção/consumo, esta ativação acontece através da cooperação produtiva e da relação social com o consumidor, esta ativação é materializada dentro e através do processo comunicativo e a inovação continua das formas e das condições da comunicação é realizada pelo trabalho imaterial.

Se a força de trabalho do trabalho imaterial assume a abrangência da cooperação social, qual é seu valor de uso? Seu valor de uso consiste essencialmente no seu conteúdo informativo e cultural, sua particularidade - da mercadoria produzida pelo trabalho imaterial - está no fato de que ela não se acaba quando consumida, mas alarga, transforma, cria o ambiente ideológico e cultural do consumidor. Seu consumidor é transformado, a publicidade e a produção da capacidade de consumir, do impulso ao consumo, da necessidade de consumir, transformam-se num processo de trabalho. O trabalho imaterial produz acima de tudo uma relação social (relação de inovação, de produção, de consumo) e somente na presença desta reprodução a sua atividade tem um valor econômico, a matéria-prima do trabalho imaterial é a subjetividade e o ambiente ideológico no qual esta subjetividade vive e se reproduz. A produção da subjetividade torna-se produtiva porque em nossa sociedade pós-industrial o seu objetivo é construir o consumidor/comunicador. Neste processo o produto é ideológico e Lazzarato a denomina de produção estética, pois há o envolvimento entre o autor, a reprodução e a recepção. Estes três processos caracterizados pela sua forma social, destarte,

a atividade do trabalho imaterial resulta de uma síntese de diferentes tipos de *savoir-faire*, ou seja, atividades intelectuais no que diz respeito ao conteúdo cultural-informativo; das atividades manuais pela capacidade de unir criatividade, imaginação e trabalho técnico e manual, isto é o exemplo palpável da cooperação social e da relação social que floresce por intermédio do processo de produção do trabalho imaterial, isto é a socialização da fábrica ou ciclo social da produção.

Desta forma a mais-valia deriva da produção e do controle dos fluxos, em primeiro lugar dos fluxos financeiros e comunicativos e ainda, segundo Lazzarato (2001, p.52), "É somente na conjugação dos diversos fluxos (da produção, circulação, consumo, desejo), que aqui é produção de mais-valia, que esta se torna visível", a função do empreendedor político é controlar os fluxos e determinar a construção social do mercado.

No desenvolvimento do trabalho imaterial a função da publicidade é a de constituir o consumidor e sua produtividade é a produção da subjetividade, havendo a interação com os consumidores, que se assemelha sempre mais à ação política, dado que aqui se determina a produção de sentido para um mercado que tem os contornos da própria sociedade. A publicidade não serve mais apenas para vender o objeto-mercadoria, mas para construir, no tempo, a imagem da marca de um produto ou de uma empresa. A imagem é algo diretamente político, cultural, ético.

Portanto o trabalho imaterial proporciona uma "[...] socialização-intensificação dos níveis de cooperação, dos saberes, das subjetividades dos trabalhadores, dos dispositivos tecnológicos e organizativos [...] seu **intento** é capturar as externalidades positivas e sociais que a cooperação espontaneamente produz e organiza." (LAZZARATO, 2001, p.93, grifo nosso).